

Covas não decola porque trabalha só, acusa Richa

Marcondes Sampaio

"O problema é que apenas o Mário está andando, trabalhando e debatendo a proposta do partido. O resto do partido está só assistindo". O desabafo, feito em entrevista exclusiva ao *Jornal de Brasília*, é do senador José Richa (PR), coordenador nacional da campanha do candidato do PSDB à Presidência da República, Mário Covas. Apesar da queixa, Richa discorda do entendimento de analistas políticos e até de correligionários, para os quais a candidatura de Covas ainda não "decolou".

Ele acha que o fato de Covas ter obtido um índice de 5% na última pesquisa do Ibope — ficando em quinto lugar — já é "grande coisa" para um candidato que está tentando atrair o eleitorado "pelo convencimento" e para um partido que tem apenas 10 meses de vida.

Embora em princípio se mostre convencido de que a tendência da candidatura Fernando Collor é esvaziar-se, adverte Richa que esse esvaziamento não ocorrerá "se toda a classe política começar a dar pau nele". Depois de reconhecer o desgaste dos políticos, o senador paranaense prevê: "Ele não tem condições de sustentar até porque se ocupou muito mais com as coisas afeitas a playboys do que com as coisas sérias do País".

Abaixo, a íntegra da entrevista:

Apesar do recente programa do PSDB, no rádio e televisão, a candidatura Covas ainda não decolou. A que se deve essa situação?

Richa — O problema é que apenas o Mário está andando, trabalhando e debatendo a proposta do partido. O resto do partido está só assistindo. Ficam alguns numa posição até certo ponto crítica, com reparos ao programa que o partido fez na TV e ao discurso do Mário na convenção do dia 14. Essa é a resposta que eu dou às críticas internas: na verdade, até agora ninguém está trabalhando. Eu estou botando o pessoal do Paraná para fazer núcleos de base, subdiretórios, reuniões microrregionais no interior. Lá, o partido está se dividindo em grupos, cada um se incumbindo de uma tarefa. Já estou mandando fazer um "santinho" do Mário, com a biografia dele e os pontos principais do programa, para distribuir à população. É isso o que nos cabe fazer, porque o Collor, está se vendo aí, é um fenômeno da mídia. Se nós não podemos contar com a mídia, nós temos de substituir o que a mídia poderia fazer por nós por um trabalho de panfletagem.

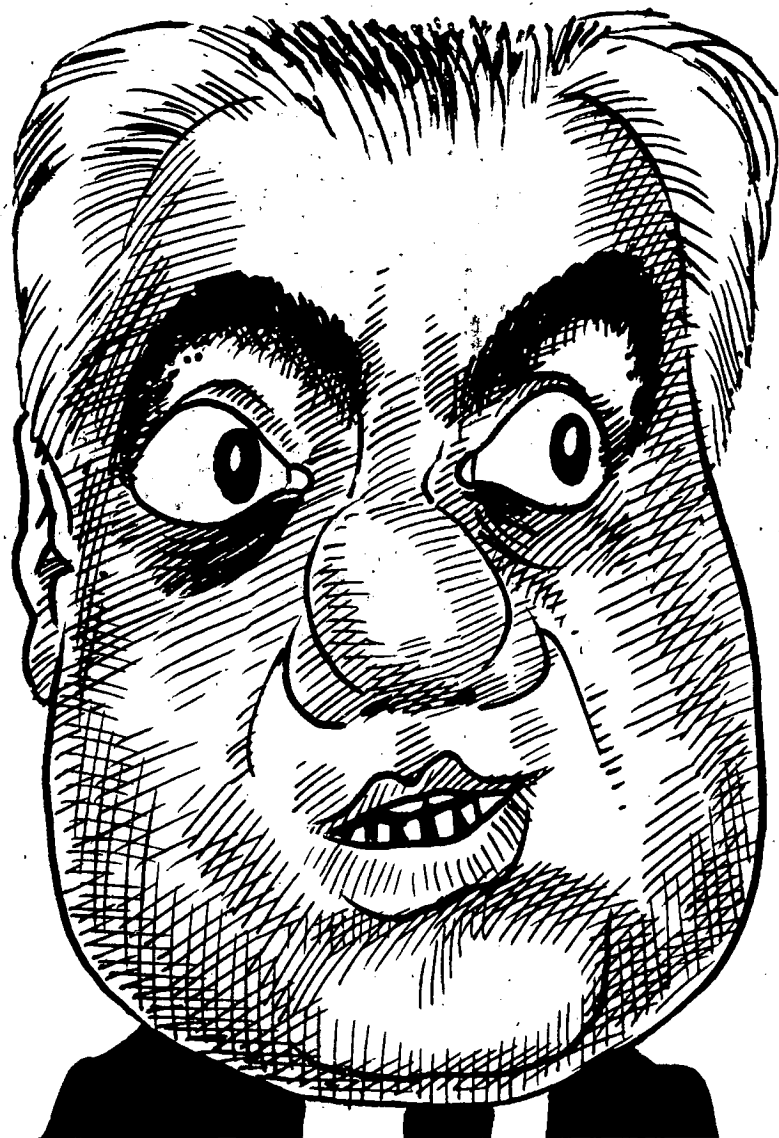
Qual a mensagem principal que deve ser transmitida nessa panfletagem?

— O nosso forte é o fato de termos um partido de perfil ideológico definido. Você pode não gostar, outros também podem não gostar mas vão dizer: esses aí são definidos. Sabe-se o que eles são e o que pretendem. As pessoas que compõem o partido dão a ele um caráter de seriedade. Além disso, temos um candidato inatacável. Até o nosso maior inimigo reconhece que o nosso candidato é melhor.

— E quem é o maior inimigo de vocês?

— Não sei, e talvez seja esse o nosso maior problema, porque em política, se você tem boa proposta, para ter muitos amigos é preciso ter pelo menos alguns inimigos.

— Para alguns, o problema do senador Covas, é a seriedade sisuda e a falta de ousadia. O sr. concorda com essa interpretação?



— Não. Afinal, desde quando seriedade passou a ser defeito? O que eu acho é que, numa conjuntura de tanta bandalheira e corrupção, ser sério, digno, já é um ato de coragem, de ousadia. Não sei se quando se fala em ousadia na verdade se pretende falar em agressão. O Mário não é de agredir pessoas. É de atacar os problemas. As reuniões que ele faz, os debates, são impecáveis. Nunca vi um candidato estar tão bem preparado. O Mário é talentoso, estudioso e por isso se sai muito bem. Sabe se comunicar.

— No início, o sr. falou que o problema do senador Covas é que ele vem trabalhando só, mas o Collor tornou-se um fenômeno à custa apenas da sua atuação.

— Coisa nenhuma. O Collor aparece só, mas acima de tudo é um produto da mídia. Como é um inconsequente, topa tudo para crescer. É capaz de xingar a mãe do Brizola, de forma irresponsável — agredir pessoas que muitas vezes não merecem um volume tão grande de agressão. Para subir, ele é capaz — para usar a expressão do Brizola com o Lula — de pisar no pécoço da mãe. Como produto da mídia, no momento em que ele cria notícia, não importa se eticamente certa ou errada, a mídia divulga e ele tem se beneficiado disso.

— Não estaria faltando ao candidato do PSDB essa capacidade de gerar notícias?

— O Covas não entra nisso.

— Não haveria formas sóbrias de assumir posições capazes de atrair a mídia?

— O País chegou a um ponto tal de degradação que você discutir projetos sérios não é mais notícia. Discutir a dívida externa, como equacionar a dívida interna, como ter um plano de estabilização eco-

nômica, política salarial, discutir essas coisas não é mais notícia.

— No programa de TV, do PSDB, ficou a impressão, em alguns trechos, de que o partido também embarcou no tom generalizante do Collor, ao permitir que duras críticas aos políticos fossem ao ar sem maior contestação. Ou existe alguma diferença na forma de vocês encararem a responsabilidade dos políticos pela atual crise?

— A diferença é que nós constatamos muitos erros da classe política, mas não achamos que toda ela, todas as instituições políticas ou todos os seus integrantes sejam ruins. Os que estão com o Collor de certo modo deveriam se sentir ofendidos com a generalização das críticas. Ele exerceu tantos mandatos quanto eu e ainda assim procedo e falo como se não tivesse nada a ver com a atividade política.

— Qual a melhor maneira de neutralizar esse extraordinário crescimento do Collor?

— Ainda estamos há quase seis meses da eleição. Por isso, na minha opinião, ninguém precisa agredir o Collor, porque daqui a pouco as contradições dele estarão evidenciadas. O fato dele ter crescido muito rapidamente e as adesões também estarem surgindo rapidamente indicam o artificialismo do fenômeno. A maioria dos políticos que está indo para ele é do tipo fisiológico, exatamente o tipo que ele denuncia, e isso acabará provocando o descrédito da pregação que ele está fazendo.

— Então, o sr. está seguro de que a tendência da candidatura Collor é esvaziar-se?

— Estou absolutamente tranquilo quanto a isso.

— Dá para prever o momento em que o declínio dele começará a acentuar-se?

— Não dá para dizer ao certo, mas será antes da campanha. Também pode não acontecer o que eu prevejo se toda a classe política começar a dar pau nele. A classe política está tão desgastada na opinião pública que, se assumir a agressão a ele, é capaz de o povo achar o seguinte: se quem está combatendo o cara que está combatendo coisas de maneira certa são os políticos, aí sim, a razão está com ele. É melhor deixar que ele se exponha, porque ele não tem muito conteúdo. As pessoas que o seguem vão exigir cada vez mais dele e aí é que eu acho que ele não tem condições de se sustentar, até pela pouca idade e até porque se ocupou muito mais com coisas mais afeitas a playboys do que com coisas sérias do País.

— Voltando à candidatura Covas. O fato de não ter decolado até agora não é um mau indício?

— Quem diz que ele não decolou? Para um candidato que ainda não entrou na campanha de fato e um partido que só tem 10 meses de vida já é muito ter 5% (nas pesquisas), é grande coisa. E mais ainda para um candidato que está adotando um estilo de debate de coisas sérias, de tentar atrair pelo convencimento. A gente sente que o Mário está agora muito mais preocupado, pelo temperamento dele, em arranjar adesões para o partido, do que com a candidatura dele. É essa a sensação que eu tenho. É bom registrar que os 5% que ele tem nas pesquisas representam seis milhões de pessoas.

— Na realidade, para quem já teve oito milhões de votos só em São Paulo, parece pouco...

— Não importa, tem gente que ainda hoje não sabe que ele é candidato.

— Em São Paulo?

— Em São Paulo, inclusive.

— Dá para dizer que o candidato é convincente se o Collor tem crescido em função das aparições na TV e o Covas nada acrescentou com o programa do partido?

— Acontece que o programa foi transmitido num momento (dia 11 último) em que havia muitos outros fatos novos: a chegada do Jânio da Europa, com todo aquele histrionismo dele e a movimentação em torno do Ulysses. A situação do Ulysses é que eu acho mais dramática.

— Por que?

— Porque ele ficou um mês de graça nas primeiras páginas dos jornais, todo dia no noticiário de todos os canais de televisão, é presidente do maior partido do País, saiu de uma convenção vitoriosa depois de um mês de engalfinhamento, ficando, portanto, na mídia esse tempo todo, e apesar de tudo isso ele cresceu apenas 1% na última pesquisa.

— No início o sr. falou que não é da índole do PSDB agredir ninguém, mas, no programa de rádio do último dia 11, vocês chegaram a qualificar o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, de veterano demagogo...

— Você viu que a coisa foi colocada de maneira satírica (numa imaginária partida de futebol, entre "tucanos" e "demagogos", o narrador do programa afirmava que o "veterano" estava no comando do ataque dos demagogos e não tinha resistência nem para 15 minutos de partida). Foi uma brincadeira. Na verdade, usamos o rádio para satirizar, como num programa humorístico. Um programa de humor é tão bom quanto seja capaz de dizer verdades de forma histrônica.